





ESPIRITO DE VIEIRA

OU

SELECTA

DE

PENSAMENTOS ECONOMICOS, POLITICOS,
MORAES, LITTERARIOS,

COM A BIOGRAPHIA

DESTE CELEBRADO ESCRIPTOR.

APPENDICE

AOS

ESTUDOS DO BEM-COMMUM.

POR

JOSÉ DA SILVA LISBOA.

O que unicamente desejo, he ver o Reino unido, fiel, e obediente;
os meios de sua conservação promptos, e bem applicados; e para mim,
acabar o resto dos dias na minha Missão.

Vieir. Cart. Rom. 6.



RIO DE JANEIRO. NA IMPRESSÃO REGIA.

1821.

Com Licença.

REPUBLICA DE CHILE

MINISTERIO DE INTERIO

SECRETARIA DE INTERIO

BOLETIN OFICIAL

NUMERO 10.000

VALDIVIA

1911

1911

REPUBLICA DE CHILE

1911

1911

ADVERTENCIA.

Ainda que na parte I. dos *Estudos do Bem-Commum* não enumerasse ao Padre Antonio Vieira entre os Escriptores Nacionaes sobre objectos de Economia politica, por não ter composto obra directa ácerca das materias concernentes; comtudo, tendo sido hum Colosso de saber nas letras divinas e humanas do seu tempo, na Parte III. transcrevi varias suas passagens relativas á assumptos analogos, annunciando tenção de offerecer huma *Selecta* de outros por *Appendice*.

Mas, como a edição dos ditos *Estudos* em todas as Partes do Plano exige tempo; e ora he notorio o desvío da attenção publica á scenas improvisas nos Reinos da Europa; sendo por isso importante que se diffundão em maior esphera as sãs doutrinas do dito Grande Mestre e Pregoeiro da Lealdade Nacional, as quaes são menos conhecidas, por se acharem dispersas em seus numerosos escriptos, que raras pessoas hoje possuem e lêem; pareceo-me conveniente ir já publicando a annunciada *Selecta*; afim de oppôr o Espirito de Vieira ao Espirito do Seculo.

Aos que menespream *Lição Patria*, e se dirigem sem cautela, nem prudencia, por varios escriptos seductores da Hespanha e França, que ora correm devassos no vulgo, seja-me licito fazer a seguinte Advertencia do nosso Historiador da Descoberta do Brasil no Prologo da Decada III. “Traz-se quasi em Proverbio. = *Os Hespanhoes se governão pelo presente, e os Francezes pelo que está por vir.* = Não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que ellas tem do preterito para o futuro. Porque o seu curso natural he hum bem corresponder á outro, e hum mal á outro mal; por estarem as cousas futuras sujeitas a terem as vezes que já tiverão, quasi como hum curso circular. — Não re-

provamos os exemplos da historia dos outros povos mais que na precedencia de anteporem aos naturaes e familiares de casa; porque ali ha grande perigo, em que póde incorrer a gente de tenro juizo, que são os mancebos. Para não se corromperem com algum veneno de damnosa lição, diremos o que Platóão diz em nome de Socrates; que mais grave he o perigo no acceitar a disciplina ou lição de livros, que no comprar as cousas do mantimento de que vivemos. Porque este, da Praça não se leva logo no estomago, mas em cousa, que, se nellas houver algum veneno, não póde empecer, e ainda sobre isso temos o conselho do medico, que nos ensina quaes devemos comer, e quaes não; o que não se faz na compra de livros. Donde vem, que a peçonha da má doutrina, e leitura delles, lavra no animo primeiro que assentemos no entendimento. — E como, afim de bem obrar, o escriptores ordenarão as suas escripturas, aquellas são mas uteis e proveitosas para ler, que mais movem para bem obrar. — As escripturas que não tem esta utilidade de lição, além de se nellas perder tempo, que he a mais preciosa cousa da vida, barbarizão o engenho, e escandalizão a alma. „

DISCURSO PRELIMINAR.

O Padre Antonio Vieira, ainda que bem conhecido como *Pregador Regio* em Portugal, e *Superior das Missões* no Brasil, por Nomeação d'El-Rei D. João IV., não goza neste Reino do conceito de que he digno tambem como hum das boas Cabeças Politicas da Nação; havendo por isso sido encarregado de Comissões Diplomaticas pelo mesmo Soberano em varias principaes Córtes da Europa, no tempo mais critico do Estado, depois da Restauração da Monarchia.

El-Rei D. João V., 33 annos depois de falecido aquelle Orador de Seus Augustos Predecessores, desejou resuscitar a sua fama, que começava a declinar, mandando imprimir a Oração funebre do Padre Manoel Caetano de Souza, Clerigo Regular da Divina Providencia, com que o Conde da Ericeira solemnizara as Exequias de tão illustre Ecclesiastico, tendo sido thema o texto da Ep. II. de S. Paulo á Timotheo Cap. I. Vers. II. *Fui constituido Pregador, Apostolo, e Mestre das Nações.*

Em 1746 Anselmo Caetano, Doutor na Universidade de Coimbra, deo á luz em Lisboa hum Resumo dos Sermões impressos do P. Vieira em dous Volumes in 4.º com o titulo de

Vieira Abreviado. Porém o progresso das sciencias, e o descredito que sobreveio á Ordem dos Jesuitas *, e que occasionou a sua extincção, concorrerão a desappreciar o Original, e o Extracto, que se fizerão raros. Este mesmo Compendio além disto, sendo mui succincto em alguns pontos, e amplo em outros, contém cousas incompatíveis com o actual melindre dos tempos.

Perseverou contudo sempre a reputação do Author como hum dos Mestres do Idio-

* Na epocha da proscripção dos Jesuitas, e da extincção de sua Ordem, e confiscação de seus bens, apparecerão escriptos bem conhecidos, de mão superior, em Lisboa, em que se intitulou por ironia ao Padre Vieira o *façanhoso Vieira*, falecido havia mais de setenta annos. O seu Author prescindio do Conselho do Poeta de Augusto. — Perdoa ao Sepultado. — Ha justiça em confundir o individuo benemerito com o Corpo que depois abusou da Confiança Real, e do seu Instituto, qual o mesmo Vieira declara no Sermão, que vem no Tom. XIV. das suas Obras pag. 56? = “ O Instituto da
 „ Companhia professa consiste em renunciar os bens
 „ proprios, e fazer proprios os males alheios. Consiste
 „ em renunciar os bens proprios, porque nenhuma Casa
 „ professa da Companhia pôde ter propriedade alguma,
 „ nem ainda para o Culto Divino, de que he tão ze-
 „ loza: e Consiste em fazer proprios os males alheios,
 „ porque esse he o voto e obrigação dos professos,
 „ acudir aos males communs, e dos proximos, como
 „ se forão proprios, e particulares. „ = Tal foi a ob-
 servancia religiosa do P. Vieira, como bem mostrou o seu Biographo, e especialmente se manifestou pelo zelo, e sacrificio da propria vida e fama, com que se ostentou exemplar na Religião e Humanidade, quando, em fervoroso espirito de caridade, foi do Brasil á Portugal a defender contra os poderosos a Liberdade dos Indios, obtendo por isso favoravel Legislação.

ma Lusitano, bem que houvesse discordia de opiniões, quanto a preferencia do melhor Classico, segundo declara o moderno Escrip-
tor do Diccionario Portuguez, Antonio de Moraes Silva, no Prologo do mesmo, dizendo que os *Criticos tem cada hum o seu mimoso*.

O Ex.^{mo} Marquez d'Aguiar, sendo Ministro de Estado dos Negocios do Brasil, foi o primeiro que excitou a curiosidade publica, transcrevendo e louvando varias passagens dos Sermões de Vieira nas *Notas* ás suas Traducções, que em 1810 e 1811 deo á luz nesta Côrte do Rio de Janeiro do = *Ensaio da Critica* = e das = *Epistolas Moraes = de Pope*. * Elle ahi insinua o merito da penna descriptiva do mesmo Vieira, e se authoriza com o juizo do eximio Theologo e Philologo o P. Antonio Pereira, o qual na Dissertação incorporada no Tom. IV. das *Memorias Litterarias* da Real Academia das Sciencias de Lisboa, diz que o P. Vieira dera á Lingua Portugueza o seu ultimo *polimento e esplendor*.

Em 1820 *Roberto Southey* no II. e III. Tomo da sua *Historia do Brasil*, mostrou o merecimento do P. Vieira, e de seus escriptos, com tal profusão, que o relatorio dos successos do Maranhão e Pará, no mais importante periodo do estabelecimento dessas Capitancias, he quasi literal extracto dos

* Vol. I. pag. 20 e 75. — Vol. II. 124 e 125.

seus Sermões e Cartas. Até lhe attribue o ter sido o Introductor da Caneleira e Pimenteira da India na Bahia.

Além das obras impressas de Vieira, sendo algumas fóra do Reino, e até traduzidas em varias Linguas, ha *manuscriptos autographos* delle na Real Bibliotheca desta Côrte: o que he prova da sua estimação. Destas ineditas não fiz extractos, nem das tidas por apocryphas no melhor criterio, tal como a = *Arte de Furtar*. =

No meu fraco entender, ainda que o P. Vieira seja á muitos respeito benemerito da Patria, e por isso com razão o seu Biographo o P. *André de Barros*, o intitulou *Novo Apostolo do Brasil*, o seu maior merito, não he tanto a excellencia da Linguagem, como a elevação de Pensamentos, pelo enlace com que une os dictames do Christianismo aos deveres de todas as classes, desde o Soberano até o minimo vassallo. Ainda que na *Economica* seja mais parco, e menos conforme aos actuaes adiantamentos dessa Sciencia, com tudo na *Politica* he abundante, e mui sublime, por ser a sua base o Governo Theocratico, e a Lei da Graça.

Eis os motivos porque arranjei este Promptuario de alguns seus Pensamentos, que me parecerão interessantes, pela materia, ou fórmula. Ainda onde não ha novidade na doutrina, e eccentricidade de phantasia, o contraste do methodo de Vieira com o presente, serve para a historia do progresso do Espirito Humano. O meu trabalho he diri-

gido sómente ao commodo dos estudiosos aspirantes ao Serviço do Soberano. Ainda assim he justo e necessario dar descontos ao gosto e modo de pensar da idade em que escreveo o sublime Genio Nacional, a quem se deo o titulo de *Principe dos Ora-dores Portuguezes*.

Este Varão Apostolico, nascido em Lisboa, fez os seus estudos no Collegio de Educação da Companhia de Jesus na Bahia, onde veio depois terminar os seus dias, falecendo quasi nonagenario em 1697. Foi-me isto não leve motivo de consagrar algum monumento de respeito ao Nome immortal de quem tanto re-commendou (segundo a sua phrase) caminhar sempre pela *Estrada Real da Verdade e Virtude*; e que, fazendo votos por melhor systema economico, quasi em espirito de vaticinio, presagiu o futuro, ora experimentado, Bem-Commum deste Reino, pela vinda, e estada da Côrte, dest'arte havendo pregado na Cadeira Evangelica da Igreja da Misericordia daquella antiga capital do então Vice-Reinado do Principado Ultramarino. “Vio o Profeta Malachias em espirito aquella felicissima jornada, que havia de fazer do Ceo á terra o Redemptor, e Restaurador do mundo; e dando as boas novas a todos os homens, como enfermos pelo peccado de Adão, diz assim: Alegra-te enfermo genero humano, alegra-te, e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o Sol de justiça, e te trará a saude nas azas. Cumprida temos hoje esta tão espera-

da profecia. — Alegre-se o enfermo Brasil, porque vê também cumprida em si aquella profecia, que havia de vir hum Sol de justiça a restaurallo, que traria a saude nas azas. — Atégora nada luz ao Brasil, por mais que dê; nada lhe monta, e nada lhe aproveita, por mais que faça, e se desfaça. — Mas alegra-te, anima-te, e dá graças á Deos, que, já por mercê sua, estamos em tempo, que, se concorrer-mos com o nosso suor, ha de ser para nossa saude. Tudo o que der a Bahia, para a Bahia ha de ser; tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se ha de gastar. — Presentemente, sendo tão particulares as conveniencias do novo governo do nosso FELICISSIMO CESAR, que Deos guarde, seja também nova, e mais exacta que nunca, a sujeição, respeito, e reverencia, com que todos os Vassallos da mesma Magestade o venerem, e obedeção. — Esta he a fineza do nosso caso, respeitando e obedecendo ao ORIGINAL SOBERANO, não nas imagens, que atégora cá se mandavão, senão nos naturaes da nossa mesma terra. — “ Neste Estado ha huma só Vontade, hum só Entendimento, e hum só Poder, qual o de Quem o Governa. * „

Eis como acclamou a I. Restauração do Reino, e a Constante Lealdade da Bahia, logo que ahi chegou tão boa nova! Com que extase acclamaria a II. Restauração na

* Vide Vieira Abbreviado tom. I. pag. 271 e seg.: e Cart. tom. III. pag. 15.

Presença do Invicto Libertador, que, vindo na sua feliz viagem á Capital do Brasil, Se Resolveo, qual Inclyto Argonauta, de Proprio Motu, Honrar primeiro com a sua Augusta Pessoa aquella Cidade, tão bem titulada de *S. Salvador*; e ahi logo pela Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808 Fazer o Manifesto do Seu Novo Systema de Commercio Franco; e pelo Decreto de 23 de Fevereiro Crear huma Cadeira da *Sciencia Economica*, Ordenando o seu estabelecimento nesta Corte; com a Declaração no Preambulo de que “ são necessarios os estudos desta Sciencia, para que os Meus fieis vassallos Me possuão melhor servir; e achar-se o Brasil em circumstancias de se applicarem alguns dos seus Principios, sem que se caminha ás cegas, e com passos mui lentos, e ás vezes contrarios, em materias de governo? „

A vista disto, espero que não seja precisa maior apologia, para tambem fazer contribuir á Instrucção Publica nestas materias a erudição do *Padre Vieira*, como na Parte I. pratiquei com a de *João de Barros*; visto que o Mesmo Soberano, tambem de Motu Proprio, se Dignou Fazer-me a Mercê da dita Cadeira, e convém que as doutrinas economicas tenham o cunho do Character Nacional.

Para, de algum modo, corresponder á Real Confiança, vendo a notoria indecente opposição (que ainda existe) dos accerrimos e interesseiros sectarios do Systema Colonial, ora virtualmente extincto pelo Decreto

da União dos tres Reinos de Portugal, Brasil, e Algarves, gradualmente fui dando á luz (não sem algum effeito) varias *Memorias Economicas*, em demonstração das vantagens da Franqueza do Commercio e Industria, e e de outros subsequentes *Beneficios Politicos* do Nosso Soberano. Por fim resolvi-me a publicar os meus *Estudos*, como obra mais systematica, considerando já caducas as velhas preocupações.

Por naturalidade, e profissão, dirigindo os meus estudos a saber das cousas do Brasil, conformei-me ao Juizo que El-Rey D. João IV. formou do nosso Grande Homem, assim recommendando ao Governo = “Con-
,, sulte o Padre Antonio Vieira com o conhe-
,, cimento que tem de todo o Estado, e
,, suas conquistas, as quaes correo e visitou
,, todas em onze mezes; não havendo parte
,, no mar, rios, e terras, por espaço de
,, quinhentas legoas, que não tenha visto e
,, pizado. *

Era já tempo de tirar do olvido (contra a Seita dos Quinhentistas) o incomparavel Merito Litterario de quem tanto promoveo a civilisação do Brasil, e no mais difficil empenho de dar aos salvagens indigenas instrucção religiosa, e vida regular. Sendo Exemplar no zelo do Bem-Commum, se as idéas do tempo, e a cobiça dos Colonos, impossibilitarão a destinada extensão dos bons effeitos do seu zelo, a sua fama deve ser

* Cartas de Vieira Tom. II. pag. 177.

sempre pura e esplendida. Não seja este Reino a *Terra do Esquecimento*.

A Real Academia das Sciencias de Lisboa, na Dissertação Preliminar do seu Dictionario, em que fixou o devido conceito dos nossos Classicos, fez justiça ao Padre Antonio Vieira, colligindo os elogios que lhes tem feito Nacionais e Estrangeiros, que até lhe derão o titulo de *Pai da Eloquencia Portuguesa*: porém, pelas subtilezas do seu estilo, decide com a sentença de *Quintiliano* á *Seneca*, que as suas obras seriam melhores, se as tivesse feito com o proprio engenho, mas com juizo alheio. Com reverencia á tão Alta Authoridade, cumpre-me dizer, que hoje nem *Cicero* e *Tacito* são havidos por modelos da Oratoria e Historia; aquelle por mui florido, e este por mui laconico. Reconheço que o nosso Orador, bem que tivesse o *dom da falla*, não teve sempre economia na verdade. Mas esse defeito foi mais do tempo que do homem. Além de que os Genios tem privilegios exclusivos: o que he nodoa em escriptor ordinario, he graça no preeminente, e objecto de admiração, ainda que não em tudo de imitação. As obras destes originaes assemelham-se ás arvores de tronco arraigado em terreno viçoso, que, por mais que se decotem e desfolhem, sempre deixão a colher, á mãos cheias, fructos e flores. Persuado-me que nas do Padre Vieira se acharão passagens dignas dos Exemplares gregos e latinos. Convém se compensem as argucias da intelligencia com a riqueza da dicção.

Não he de razão condemnar, com os conhecimentos do seculo decimo nono, e severo escrutinio de critica transcendente, os Litteratos do seculo decimo septimo. Os que assás contribuirão a enriquecer a Litteratura Nacional, e aos interesses da Monarchia, tem direito á perpetua gratidão e estima. Seria absurdo esperar, que o Padre Vieira, fallando, por exemplo, em *luz* e *moeda*, emparelhe á *Newton* e *Smith*; mas as suas parodias sempre serão dignas de attenção á Leitores candidos, e discretos, que sabem discernir o diamante do crystal. Por isso quanto pude, sem mutilação offensiva, apurei os extractos desta Selecta, desvelando-me na escolha sómente das Obras que tiverão approvação em Censura official, e que até se derão á luz sob os Reaes Auspicios.

Inteiramente omitti a obra de mera phantasia do *Quinto Imperio*, que só foi effeito de paroxismo de amor da gloria do Throno Lusitano, que o insigne Diplomata desejava ver sobresahir no Theatro Politico. Ahi fez a tentativa de transcender a esphera mortal, e *vér o futuro*. Ainda assim convém dar venia ao enthusiasmo patriotico, notando-se, que já hoje os Geographos contão por *Quinta Parte da Terra* a *Austrolasia* e *Polynesia*; (originaes descobertas dos nossos Argonautas *) e que a Intelligencia e Industria Humana (segundo disse o *Cantor do Oriente*)

Novos Mundos ao Mundo vão mostrando.

* Veja-se o Supplemento á Encycloped. Britan. Vol. II. Part. I. pag. 1 §. 2, com referencia ao nosso *Barros*.

Em tempo em que vemos a todas as Nações, que avançam para a Riqueza e Grandeza, porfiarem com emulação, em assoalhar á Humanidade os seus Heroes e Sabios, que illustrarão o proprio seculo, e Paiz, não nos he airoso desaproveitar a nobre *Herança Jacente* de tanta Opulencia Litteraria, que está sepultada na poeira das Livrarias.

Em conclusão: Sendo o Padre Antonio Vieira Honra do Reino Unido; tendo Portugal o Brasão de lhe ter dado o nascimento, applauso, e credito; e o Brasil prezando-se do Timbre de lhe haver dado o ensino, asylo, e Jazigo na Bahia, onde está o deposito de seus honrados ossos, *thesouro da Cidade*; tendo-se mostrado o Padrão de Espirito Religioso e Civil nos heroicos sacrificios, com que (segundo disse no Prologo da Parte I. das suas Obras) foi em toda a vida *occupado no serviço de Deos, e da Patria*; espero se perdoe dedicar esta *Memoria á Sombra de Grande Nome*, afim de que o *Padre Grande* (segundo o appellidavão os Indios) seja daqui em diante o *Pó Levantado*. * Esta Selecta, pelo menos, servirá á Mocidade de *Lição da Lingua*.

Se for necessaria maior Apologia ao meu trabalho, offereço a que elle deo no dito Prologo:

“ Se gostas da affectação, e pompa de palavras, e do estilo, que chamão culto, não

* He objecto de hum dos seus magnificos Sermões.

me leias. Quando este estilo mais florescia, nascerão as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando encontrares): mas valeo-me tanto sempre a clareza, que só porque me entendião, comecei a ser ouvido: e o começarão também a ser os que reconhecerão o seu engano, e mal se entendião a si mesmos. „

“O nome de Primeira Parte, com que sahe este Tomo, promette outras. Se me perguntas quantas serão? Só te póde responder com certeza o Author da vida. „

Assim também digo a respeito das Partes annunciadas no Frontispicio desta *Selecta*, se tiverem Acceite Público. Não se espere achar com precisão em cada huma a materia correspondente, mas só a preponderante; pois que todas as do annuncio tem entre si relações intimas, e difficeis de bem se extremarem. Aos Leitores austeros só responderei com a justa queixa do nosso antigo Poeta, transcripta no Diccionario da Real Academia das Sciencias de Lisboa:

Por Constellação do Clima,
Esta Nação Portugueza,
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza.

A dita Real Academia no seu referido Diccionario transcreveo o juizo do P. *André de Barros*, Biographo do P. Vieira, dizendo, fora dotado de tantas luzes, que, por si só, *podia dar luz á toda a Lusitania.*

Alguns Aristarchos de Portugal não só contestão este elogio, mas até eclipsão a boa fama do Feliz Genio, não vendo em suas obras senão chistes sentenciosos, trocadilhos de vocabulos, arrastos da Escriptura, credulidade do vulgo. Com semelhantes censuras, os emulos de seu talento já em vida tanto lhe magoarão o espirito, que, sendo mais de septuagenario, á supplicas e instancias, obteve o refugiar-se na Bahia, donde havia sahido havia quarenta annos, queixando-se de *ingratidões da Patria*, e dizendo, *que os seus o não receberão.*

Estava reservado á Escriptores Estrangeiros apregoar na Europa o merito do Varão Apostolico.

He bem conhecido pelos Litteratos o panegyrico que lhe faz o *Historiador dos Estabelecimentos dos Europeos nas duas Indias*; o qual, tratando do Brasil, transcreveo boa parte do celebrado Sermão, que o P. Vieira pregou na Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda da Bahia, onde, no espirito da mais pura lealdade, com sublimada graça, e religioso extase, lamentou a invasão dos Hollandezes no periodo da Dominação Hespanhol.

O acima citado Britannico Escriptor da Historia do Brasil no tomo III., supposto reconhecesse haver nos Sermões do Vieira ob-

jectos de censura nas que intitula *partes typicas e allegoricas*, todavia acclama o seu bom nome, affirmando conterem essas *composições extraordinarias* força de conceito, felicidade de expressão, estremada eloquencia, rica phantasia, e, mais que tudo, o manifesto de *nobre coração*, que constitue com justiça as suas obras o primor e timbre da Litteratura Portugueza. Por isso até transcreveo varias passagens no original, dizendo ser para *gosto dos amigos*, confessando que lhe era impossivel traduzillas, pelos singulares idiotismos, e *estilo inimitavel*.

Havendo-se pois recentemente em Paris e Londres feito esplendidas edições das obras do *Principe dos Poetas Portuguezes*, Camões, o patriotismo dicta, que nesta Côrte do Brasil saia á luz, ao menos em miniatura, hum collecção das doutrinas mais instructivas do *Principe dos Oradores do Reino Unido*, que talvez superiormente contribuiu á gloria da Corôa e Nação, e que além disto tem o particular merito de haver sido o Defensor da Causa Liberal dos Indigenas deste Paiz.

Nas actuaes circumstancias he especialmente attendivel a seguinte *Lição classica* daquelle Pregador Regio, com que applaudio a gratidão do Brasil; inspirou o dever da união de todos os vassallos para amor á seu Soberano, ainda que não tenham a fortuna de viverem no lugar de Sua Residencia; propôs o Memorial do bom governo do Fundador da Augusta Dynastia Reinante, para Exemplar ao Principe Herdeiro e Bem-Commum.

“ Ninguém diga que a terra do Brasil he ingrata: o agradecimento he filho do amor, e o amor ordinariamente o tempo esfria, e a distancia apaga: porém o nosso agradecimento, como filho de amor mais nobre, qual deve ser o dos Reis, e da Patria, nem o tempo com tantos mares em meio bastou a lhê esfriar o contentamento, nem as distancias tão remontadas para não ver e festejar as causas delle. ,, *

“ O primario effeito do amor he a união. Se alguém me ama (diz Christo no Evangelho) guardará o meu preceito; e quem me não ama, não guardará os meus preceitos. Este effeito unitivo do amor he a Graça dos vassallos que amão á Seus Principes. Assim como o amor de muitos preceitos faz hum só preceito, assim faça de muitos pareceres hum só parecer, de muitos juizos hum só juizo, de muitas vontades huma só vontade, e de muitos interesses hum só interesse. ,,

“ E que interesse ha de ser este? A Conveniencia do Principe. O amor que tem outro interesse mais que a Conveniencia do Principe, não he amor do Principe. Fazer competencia de quem mais o hade assistir, e cuidar que mais o ama quem mais o assiste, he cegueira (não digo de enganoso), mais de enganado amor. Estavão tristes os Apostolos pela partida de Christo, e disselhes o Senhor: se me amareis verdadeira-

mente, he certo que haviéis de estar não tristes, senão muito alegres nesta minha partida. Pois, Senhor meu, a tristeza pela ausência não he amor? Em outras occasiões sim, neste caso não. O partir-me, e ausentar-me da terra, he grande Conveniencia minha; porque vou tomar inteira posse do meu Reino, e assentar-me no Throno de minha gloria; e quem ama mais a minha Presença que a minha Conveniencia, não me ama fina e fielmente. Todos amão á porfia a Presença e Assistencia do Principe; não sei se porfiamos tanto por suas Conveniencias: se he amor, não chegue a ser ciume.... Senhores, já que o nosso amor he racional, queiramos o possivel. Assistir todos com o Principe, morar com o Principe, não pôde ser: amar o Principe a todos, e morar o Principe em todos, isso he o que pôde ser: contentemo-nos com este modo de amor; contentemo-nos com este modo de Graça, (ainda que seja menos visivel) e estaremos todos contentes. *

“ A Graça que queria pedir ao Divino Espirito por parte do Principe (que Deos nos guarde), não he Graça nova, senão antiga, e sua.... Tome este por timbre e empreza de suas acções retratallas todas pelas do glorioso e invictissimo Libertador El-Rei D. João o IV.... Neste livro, neste exemplar, neste espelho, Senhor, estuda-

* Serm. Vol. XIV. pag. 33.

rá, imitará, e verá V. A. (como tem delib-
berado) todas as acções generosas , todos
os attributos Reaes , e todas as virtudes
heroicas de hum Soberano Christão perfeito.
Para com Deos, a Religião, a piedade, o
zelo: para comsigo a temperança, a modes-
tia, a sobriedade: para os subditos, a pru-
dencia, a justiça, a clemencia: para com
estranhos a vigilancia, a fortaleza, a ver-
dade. Verá V. A. hum valerosissimo Rei ,
cercado sempre dos maiores perigos, mas
nelles acautelado igualmente, e confiado: na
confiança com recato, na cautela sem temor,
no perigo com magnanimidade. Moderado, mas
a moderação com decencia; affavel, mas a
affabilidade com respeito; liberal, mas a
liberalidade com medida. A Magestade sem
affectação, o Senhorio sem fasto, o Mando
sem dependencia. Verá V. A. hum coração
alto, talhado para grandiosas emprezas, mas
circumspecto e prudente; prudente, porque
aconselhado; e bem aconselhado, porque com
os melhores. Pacifico por inclinação; belli-
coso por necessidade; victorioso contra seus
inimigos sempre, porque sempre referio á
Deos as victorias. Bemafortunado em tudo,
mas nunca altivo; porque, sendo tão gran-
de a sua fortuna, era maior o seu peito.
Observantissimo em recatar os segredos pro-
prios, fidelissimo em guardar os alheios:
e em saber, e penetrar os estranhos, vigi-
lantissimo. Cuidava de noite o que havia de
executar de dia; e porque media os pensa-
mentos com o poder, sempre as suas idéas

chegavam a ser obras. Incansavel no trabalho, posto que com suas horas, e intervallos de allivio; mas o trabalho como tarefa de obrigação; o allivio, como respiração do trabalho. Sabia reinar, porque sabia dissimular. Prezava-se só da justiça: affectava o nome de Justiceiro, e era justo: para os pleiteantes Igual; para os Ministros Senhor; para os vassallos Pai; e para todos Rei. ,,

Finalmente contra os pseudo-criticos do Seculo, presumidos de *bom gosto*, que só sabem esquadrinhar defeitos, encubriendo os meritos dos Escriptores, offereço a seguinte doutrina do mesmo Vieira, com que, em espirito resolutto, sempre acclamou a verdade, ainda em Auditorio de Côrtes.

“ Mui seguro está do seu valor quem tira a sua opinião á campo: e se he temeridade tomar-se com muitos, com todo o Mundo se tomou quem desafiou a sua fama. Perguntou Christo Senhor Nosso aos Discipulos, que dizião delle os homens? Perguntou o Senhor, para que os Senhores que mandão o Mundo, se não desprezem de perguntar. Se pergunta a Sabedoria Divina, porque não perguntará a ignorancia humana? Mas esse he o maior argumento de ser ignorancia. Quem não pergunta, não quer saber; quem não quer saber, quer errar. Ha porém ignorantes tão altivos, que se desprezão de perguntar; ou porque presumem que tudo sabem, ou porque não se presume que lhes falta alguma cousa por saber. Deos guie a Náo, onde estes forem os Pilotos.

“ Não perguntou o Senhor o que era, senão o que se dizia. Antes de se fazerem as cousas, hade-se temer o que dirão; depois de feitas, hade-se examinar o que dizem. Huma cousa he o acerto, e outra o applauso. A boa opinião de que tanto depende o bom governo, não se fórma do que he, senão do que se cuida; e tanto se devem observar as obras proprias, como respeitar os pensamentos, e linguas alheias. A providencia com que Deos permite a murmuração, he porque de tão má raiz se colhe o fructo da emenda. E se eu de murmurado me posso fazer applaudido, porque não me informarei do que se diz?

“ Respondendo os discipulos á questão, referirão os pareceres ou ditos do povo: *erão do povo; claro está que havião de ser errados.* Huns dizião que era o Bautista, outros que era Elias, ou algum dos Prophetas antigos. Grande he o odio que os homens tem á idade em que nascerão! Pois assim como antigamente houve tantos Prophetas, não poderia tambem agora haver hum? Por menos milagre tinhão o resuscitar hum dos Prophetas passados, que nascer em seu tempo outro como elle. Todo o moderno desprezão, só o antigo venerão, e acreditão. E porque á Christo não podião negar a sabedoria, fingião-lhe a antiguidade. Ora desenganem-se os idolatras do tempo passado, que tambem no presente podem haver homens tão grandes, como os que já forão, e ainda maiores.

“ E vós, discipulos meus (continuou o Senhor) *vós que não sois povo*, e *estudaes na minha escola*, quem dizeis que sou eu? Só Pedro disse a verdade; e por isso deo-lhe o Divino Mestre as chaves do seu Reino. E qual ha de ser o officio, ou exercicio destas chaves? Fechar e abrir. Não diz isso o texto. As chaves que abrem e fechão, podem abrir para dentro, e fechar para fóra. Por isso vemos os thesouros tão estreitos e tão fechados para os outros, e tão abertos para os que tem as chaves. Que havia logo fazer com ellas Pedro? Atar e desatar, diz Christo. — A peste do governo he a irresolução. Está parado o que havia de correr; está suspenso o que havia de voar, por isso que não atamos, nem desatamos. *

Se hoje causa estranheza este modo de escrever e doutrinar, advirta-se, que já antes do Seculo de Vieira predominava o equivoco até nos Conselhos de Estado, como se mostra do seguinte, pouco sabido, facto, que elle descreve no tom. XIV., ultimo dos Sermões, em que na pag. 240 e 241 faz a sua Monitoria = *Voz de Deos á Portugal* = por occasião do Cometa de 1695:

“ Vejamos o cuidado que tem a Summa Providencia de annunciar a este Reino seus acontecimentos com sinaes do Ceo.

“ No anno de mil quinhentos setenta e sete, preparando-se em Portugal a jorna-

* Sermões Vol. 7 pag. 224 e seguintes.

da de El-Rei D. Sebastião a Africa, estava o Reino, e a Córte dividida em duas opiniões; a dos moços, e aduladores, que seguisse o Rei a deliberação, ou apprehensão de seus grandes espiritos: e a dos velhos, e sezudos, que reconhecião as perigosas consequências, lhe aconselhava o contrario: senão quando apparece neste tempo hum grande Cometa, como mandado por Deos para decidir a questão: todos o vião, e a cada hum parecia da côr dos seus olhos, e do seu affecto. Os aduladores, fazendo do nome verbo, dizião que o mesmo Cometa desde o Ceo estava bradando ao Rei, que cometesse a empreza, e dizendo-lhe Deos por elle: Cometa, cometa; assim se creio, e com tão cegos applausos, que, partido o escudo das sagradas Quinas, já hião bordadas ao lado dellas nos doceis (que depois forão lutos) as armas Imperiaes de Marrocos. Partio emfim a armada, e deu-se a infelice batalha, succedeu a morte de El-Rei D. Sebastião, ou a falta delle, que he o mesmo; e este foi o effeito daquelle Cometa, que durou até o fim do anno.

Este he o unico extracto que fiz da longa Dissertação historica do P. Vieira sobre os Cometas. Não defendo a sua opinião que acerrimamente sustenta, por ser ora contestada a mesma opinião, bem que se refira a Kleper, e se apoie com Tacito, e outros Escriptores, os quaes estavam persuadidos, que os Cometas erão annuncios de castigos do Ceo ás Nações, e de grandes mudanças politi-

cas. * O certo he que o Cometa de 1807 teve notavel coincidencia com o immediato e improviso torneio da Orbita Politica, que occasionou a vinda de S. Magestade á este Seu Estado Ultramarino, realisando o Projecto de El-Rei D. João IV., de que o P. Vieira foi intimo Confidente, para, em caso extremo, *Retirada Segura* ao Brasil, segundo o declarou na Carta ao Conde de Castanhede, que se vê no tom. II. das suas Cartas pag. 416.

A Selecta de varios nossos mais antigos Classicos, intitulada = *Philosophia dos Principes* =, que no fim do Seculo passado foi tão acceita do Público, servio-me de modelo para o transumpto presente, que tem muitos exemplos das Nações Letradas,

* As posteriores observações de Newton, e seguintes Astronomos, parecem convencer, que taes corpos celestes, tem suas orbitas periodicas, como os Planetas, ainda que eccentricas, e cheias de anomalias. Comtudo os mais modernos Astronomos reconhecem não haver hum perfeita evidencia de sua natureza e identidade de reaparição; pois, não obstante terem-se visto mais de 350 Cometas; até o de 1759, o mais exactamente calculado, parecendo haver feito quatro revoluções desde 1531, sempre se tem mostrado com differenças consideraveis nas côres, como diz o Professor *John Playfair* = *Outlines of Natural Philosophy*. = Vol. II. pag. 197 — Edinburgh 1816. Os Redactores da Nova Encyclopedia de Edinburgh no Volume VII. Part. I. pag. 4 confessão, que os *limitados poderes do homem não são capazes de saber á que destino os Cometas são mandados*. Seja o que for, he notavel, que os Cometas de 1799, 1807, e 1811, forão precursores das msiores mudanças politicas na Europa.

que estão continuamente dando á luz semelhantes epitomes, com os titulos de = *Espirito* = *Bellezas* = dos seus mais distinctos Authores, para facilitar a instrucção do Povo.

O Professor de Philosophia de Lisboa só comprehendeo na dita *Selecta* as doutrinas dos egregios Classicos Portuguezes do nosso acclamado *Seculo de Quinhentos*, appropriados á instrucção dos que a Divina Providencia Constitue Regedores das Nações. Não he menos digna da attenção a que offereço, sendo proporcionada á instrucção de todas as classes, e com especialidade insinuando os deveres dos que representam a Seu Soberano para o bom governo dos povos; o que, nas actuaes circustancias, he de summa importancia; convindo a todos não perder jamais o seguinte Memorial, extrahido de hum Sermão pregado no Maranhão, quando o Estado se repartio em dous governos.

“ A figura, que haveis de trazer sempre diante dos olhos, he o mesmo Rei, de quem sois imagem: e não como ausente, senão como presente, nem como invisivel, senão como vista. Mas como póde isto ser, se elle está tão distante? Muito facilmente, senão tirares os olhos do seu regimento, no qual vereis ao mesmo Rei tão natural, e vivamente retratado em sua propria figura, como se o tivesseis presente. Dirmeis, que no vosso regimento ledes sim as palavras, e a firma do Rei, mas não lhe vedes a figura. Ora abri melhor os olhos, e

logo a vereis. Nunca o pincel de Apelles retratou tão felizmente a Alexandre, e o representou aos olhos tão proprio, e tão vivo, como os Reis no que escrevem, e ordenão, se retratão, ou reproduzem a si mesmos: diz o Espirito Santo: *o Sabio nas palavras produz a si proprio.* * Mas ouçamos a hum Rei.

“ No tempo, em que os Godos dominavão a Italia, hum dos Reis, que tiverão a fortuna de escrever com a penna de Cassiodoro, despachando seus regimentos a alguns Ministros ausentes, que nunca o tinham visto, diz assim: — Quando chegarem ás vossas mãos essas minhas letras, recebei-as como hum espelho do meu coração, da minha vontade, e de mim mesmo: das quaes, pois me não conheceis pelo rosto, me conhecereis pelo animo. — Notai agora o que accrescenta com juizo verdadeiramente real. — Folgai, diz, de me ver antes no que vos escrevo, que em minha propria pessoa, entendendo que me vedes melhor, do que os que em minha Côrte estão presentes; porque vereis o que elles não vem, e sabereis de mim o que eu lhes encubro: assim que por este modo nenhum damno recibereis da minha ausencia, nem a minha presença vos fará falta; porque na presença, como os demais, ver-me-heis o rosto; e na ausencia, pelo que vos ordeno, ver-

* *Sapiens in verbis producet se ipsum. Eccl. XX. 29.*

me-heis a alma. — A mais perfeita figura, que inventou a natureza, e não pôde imitar a arte, he a que se vê no espelho; porque o que se vê nas côres da pintura, ou no vulto das estatuas, he só huma semelhança, e representação da pessoa; porém no espelho não se vê semelhança, ou representação, senão a mesma pessoa por reflexão das especies. O espelho não he outra cousa, que hum impedimento das especies, com que vemos, o qual as não deixa passar, e tornão para os olhos. E assim como o espelho, sendo impedimento da vista, por meio da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que tambem he impedimento da vista, por meio da escritura fica a mesma vista melhorada. Sem escritura he a ausencia impedimento, com escritura he espelho. Este espelho pois dos Reis, em que mais vivamente se representa a sua mesma pessoa, que na sua propria figura, he o que hão de trazer sempre diante dos olhos os que tem por obrigação, e officio ser imagens do Rei: entendendo, que, em quanto observarem as ordens do seu regimento, serão imagens de Cesar; e pelo contrario, no ponto em que se não conformarem com ellas, perderão a semelhança, a figura, e o ser de imagens suas. Assim não ha outro meio certo, e seguro de se conservarem na inteira representação de imagens de Cesar os que por mercê, e authoridade sua, tem esse nome, senão a verdadeira, e exacta observancia de suas ordens, e verem-

se, comporem-se, e retratarem-se em seus regimentos, como em espelho.

“ Não basta, que o que houver de governar, seja homem com alma; mas he necessario, que seja alma com homem. Se tiver alma, e boa alma, não quererá fazer mal; mas, se juntamente não tiver actividade, resolução, e talento de homem, não fará cousa boa. Deo-lhe Deos memoria, entendimento, e vontade: a memoria, para que se lembre da sua obrigação: o entendimento, para que saiba o que ha de mandar; e a vontade para querer o que for melhor. Sendo homens de huma só potencia, (que por isso fazem impotencias) e faltando-lhe a memoria, e o entendimento, só tem má vontade. Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal: quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão he muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira, ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos.

“ O primeiro Apologo, que se escreveo no mundo, (que he fabula com significação verdadeira) foi aquelle, que refere a sagrada Escritura no Cap. 9 dos Juizes. Quizerão, diz, as Arvores fazer hum Rei, que as governasse, dizendo *vinde, e governai-nos;*

e forão offerecer o governo á oliveira, a qual se escusou dizendo, que não queria deixar o seu óleo, com que se ungem os homens, e se alumião os deoses e os homens. Ouvida a escusa, forão a figueira, e também a figueira não quiz acceitar, dizendo, que os seus figos erão muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar forão á vide, a qual disse, que as suas uvas comidas erão o sabor, e bebidas a alegria do mundo; e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixallo para se meter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas he, que todas convierão em huma só razão, e a mesma, que era, não querer cada huma deixar os seus fructos. E houve alguém que dissesse, ou propothesse tal cousa a estas arvores? Houve alguém, que dissesse á oliveira, que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguém. Sómente lhe disserão, e propositerão, que quizessem acceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhe disserão, e offerecerão, e ninguém lhe fallou em haverem de deixar os seus fructos; porque se escusão todas com os não quererem deixar? Porque entenderão sem terem entendimento, que quem acceita o governo dos outros, só ha de tratar delles, e não de si; e que senão deixa totalmente o interesse, a conveniencia,

a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular, e proprio, não póde tratar do commum.

“ Saibamos agora, e não de outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o entenderão, se póde conseguir, e exercitar com as raizes em terra? Assim as que o offerecerão, como as que o não acceitarão, todas concordão, que não. Que disserão as que offerecerão o governo? Disserão a cada huma das outras: Vinde, e governai-nos. Vinde? Logo se ellas havião de ir, havião-se de arrancar do lugar, onde estavão, e deixar as suas raizes: e cada huma das que não acceitarão, que respondeo? Respondeo, que não podia ir, porque, movendo-se, havia de deixar as suas raizes: e sem raizes não podia dar fructo: de maneira que governar, e governar bem, não póde ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commum, isso sim, e na mesma historia o temos, que ainda vai por diante.

“ Vendo as arvores, que as tres, a que tinhão offerecido o governo, o não quizerão acceitar, diz o texto, que se forão ter com o espinheiro, e lhe fizerão a mesma offerta. E que respondeo o espinheiro? He reposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: vinde, e governai-nos; e elle respondeo, não só como espinheiro, senão como espinhado: se verdadeiramente me dais o Imperio, vinde todas deitarvos a meus pés, e porvos á minha sombra: e

se houver alguma, que repugne, sahirá tal fogo do espinheiro, que abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparais na differença. As arvores, que lhe offerecerão o governo, disserão-lhe: *Veni*, e elle disse-lhes: *Venite*. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem, deixa as suas raizes; e quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas.

“ No Apologo, que referimos da Escriitura Sagrada, em que as arvores buscam, e elegerão quem as governasse, he muito para notar, que aquellas, a que offerecerão o governo, forão a oliveira, a figueira, e a vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleição. Reparai agora nos appellidos de Figueira, Vide, e Oliveira, que todos são honrados, mas da nobreza do meio. E porque não fizerão as arvores este mesmo offerecimento aos cedros, ás palmas, e aos cyprestes? Não são estas arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, e as mais illustres? Pois porque não entrarão em consideração para querer a verde, e florante republica das plantas, que ellas a governassem? Por isso mesmo; porque erão as mais altas, e as mais illustres. O alto, e o illustre he bom para o bizarro, e ostentoso; mas não para o util, e necessario. As arvores não as fez Deos para as bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens: que importa que a sua altura, ou a sua

altiveza seja muita, se o seu fructo he pouco? A quem sustentarão já mais os cedros, as palmas, ou os cyprestes? Pelo contrario, a figueira he a que saborea o mundo, a oliveira a que o alumia, a vide a que o alegra, e todas entre as plantas as que mais o sustentão. O que diz a Escritura das outras tres arvores altissimas, e illustrissimas he, que todas buscão a sua exaltação nos montes mais levantados. Honrem-se embora com essas arvores os seus montes; que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação, senão quem trate do nosso remedio. Os cedros, as palmas, e os cyprestes, são os gigantes das arvores; e o que trouxerão os gigantes á terra, não foi menos que o diluvio. Oh que duro seria o governo daquelle triumvirato; no forte do cedro, inflexivel; no rugoso da palma, aspero; no funesto do cypreste, triste! Porém o das outras arvores de meã estatura seria igual, seria moderado, seria suave, que por isso todas allegarão a sua doçura. E isto he pelas mesmas razões o que devemos esperar do nosso.

“ Mas he tal a protervia da condição humana, e vicio tão proprio da patria, que, por serem naturaes, domesticas, e suas as mesmas imagens, em vez de conciliarem maior veneração, obediencia, e respeito, degenerão em desprezo, desobediencia, e rebeldia. — Assim succedeo a Saul, e a David, sendo ambos eleitos por Deos, e os mais dignos do governo da sua patria. Huns

obedecerão, outros se rebelarão, e em alguns durou a rebeldia não menos que sete annos inteiros, até que a experiencia do seu erro os sujeitou á razão. *

“ O primeiro Rei † que Deos fez foi Saul: mandou ao Profeta Samuel, que o ungisse, e a cerimonia do acto foi notavel. Assentou-se á mesa Saul, e deu ordem o Profeta, que lhe puzessem diante o hombro de huma rez, que naquelle dia tinha sacrificado. Esta foi a unica iguaria. E porque se não duvidasse que o prato, e a parte tinhão mysterio, acrescentou Samuel, que de industria lhe mandara guardar. Pois se o prato era mysterioso, aquella parte da rez foi reservada para Saul *não acaso, senão de industria*; porque lhe reservou Samuel o hombro, e não outra parte, ou de mais regalo por hospede, ou de mais propriedade por Rei? Supposto que ungia a

* Esta doutrina sobre o bom governo economico he huma paraphrase do Cap. IX. do Livro dos Juizes, em que o Historiador Sagrado refere as desordens, rebelliões, e anarchias, que sobrevierão aos Israelitas, quando, por serem de *dura cerviz*, se descontentarão do seu Governo Theocratico, e alterarão a primordial Constituição do Estado: o que deo ouzadia á aventureiros para usurparem a Soberania, trazendo á partido os pobres, vagabundos, venaes, e facinorosos; do que resultarão mortandades, e instabilidade da regencia, havendo entre o povo e o governo *espirito pessimo*, segundo a phrase do Oraculo divino no mesmo Liv. Cap. XI. Vers. 3.

† I. Reg. 9. 34. — Vide Tom. XIV. pag. 30.

Saul, e para cabeça suprema daquelle povo, parece que a parte da rez, que se lhe devia apresentar, era a cabeça sacrificada. Pois porque lhe não põe diante Samuel a cabeça, senão o hombro? Porque Saul, como diziamos, era o primeiro Rei, que Deos elegeo, e coroou neste mundo: e o lugar, e assento proprio da Corôa (segundo a instituição divina) não he a cabeça, he o hombro. A Corôa fela Deos para o pezo, e para o trabalho: os homens, abusando della, fizeram-na para o resplendor, e para a magestade. A Corôa fela Deos para carregar sobre o hombro: os homens, trocando-lhe o lugar, fizeram-na para authorizar, e adornar a cabeça. Assim que assentar a Corôa sobre a cabeça, he pôr a Corôa fóra de seu lugar, e seguir o estilo dos homens: carregar a Corôa sobre o hombro, he pôr a Corôa em seu proprio lugar, e obrar pelos dictames de Deos. — E quem podia infundir huma lição tão alta, e de tão superior madureza em hum pensamento generoso de tão verdes annos, senão aquelle Espirito, e virtude do Altissimo, que assim o ensinou a elle, para assim nos consolar a nós.

“ A verdadeira Politica he o temor de Deos, o respeito de Deos, a dependencia de Deos, e a amizade de Deos; e a verdadeira arte de reinar he guardar sua lei. Os politicos antigos estudavão pelos preceitos de Aristoteles, e Xenofonte; os politicos modernos estudão pelas malicias de Ta-

cito, * e de outros indignos de se pronunciarem seus nomes neste lugar. A verdadeira politica, e unica, he a lei de Deos. Se Deos sabe mais, que elles, e he a verdadeira, e unica sabedoria, estudem-se, aprendão-se, e sigão-se as *razões de Estado* de Deos.

“ Não digo, que se não leão os livros; mas toda a politica sem a lei de Deos he ignorancia, he engano, he desacerto, he erro, he desgoverno, he ruina. Pelo contrario, a lei de Deos só, sem nenhuma outra politica, he politica, he sciencia, he acerto, he governo, he conservação, he seguridade. Toda a politica de hum Rei Christão se reduz a quatro partes, e a quatro respeitos. Do Rei para com Deos, do Rei para com sigo, do Rei para com os vassallos, do Rei para com os estranhos. Tudo isto achará o Rei na lei de Deos. De si para com Deos a religião, de si para comsigo a temperança, de si para com os vassallos a justiça, de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a Monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deos, e por leme a sua lei: disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da Republica,

***** ii

* Ainda que Tacito seja hoje do maior credito entre os Politicos, o severo e justo juizo de Vieira contra este Historiador procede (ao que parece) de que como Ethnico, condemnou com falsidade e impiedade a nossa Santa Religião, e os primeiros Christãos, que forão tão cruelmente martyrisados por Nero.

e a lei de Deos ha de ser o governo dos conselhos. Conselho, e Republica, que se não governa pela lei de Deos, he não sem leme. Por isso os Reinos de Jeroboão, de Baasa, de Jehu, e de tantos outros, fizeram tão miseraveis naufragios.

O Padre Vieira definio, com espirito de Estadista, e genuino Patriota, a Monarchia Lusitana, para correcção dos míopes, que só vêm a Nação por districtos, mal fitando á torrões, termos, e segmentos, e não em vasto horrizonte, e vista comprehensiva, do *Reino Unido*, harmoniado com todos os seus Estados e Territorios integrantes. Assim diz no seu famoso Sermão de Acção de graças pelo Nascimento da antiga Princeza em 1669 depois da 1.^a Restauração, que he não menos applicavel ao Nascimento da nova Princeza em 1819 depois da 2.^a Restauração.

“ Que obrigação tem toda a terra á Primogenita de Portugal para vir dar graças á Deos pelo seu Nascimento? *Se Portugal não conhece esta obrigação, não se conhece.* Portugal, quanto ao Reino, he parte de huma parte das terras da Europa; mas Portugal, quanto a Monarchia, he *hum todo* composto de todas as quatro Partes da Terra na Europa, na Africa, na Asia, na America... porque teve a benção da = *Dilatação.* * ”

* Vide Tom. XII. pag. 173, onde diz: “ O primeiro Portuguez que houve no Mundo, foi Tubal; sua memoria

O Padre Vieira, bem conhecendo as regras da prudencia politica, e a altivez do character Nacional, indicou as seguintes Maximas de Administração, e os motivos e remedios dos descontentamentos do povo.

“ Christo, como Author da Lei Nova, parece que, para tirar do Mundo a Circumcisão, havia de entrar condemnando-a, desterrando-a, e prohibindo-a sob graves penas, e não a admittindo por nenhum caso. Quem entra a introduzir huma Lei nova, não pôde tirar de repente os abusos da velha. Ha de permittir com dissimulação, para tirar com suavidade: ha de deixar crescer o trigo com a zizania, quando não faça mal ás raizes do trigo.

“ Todo o zelo he mal soffrido; mas o

se conserva, ainda hoje, não longe da foz do nosso Tejo, na povoação primeira que fundou com o nome *Cætus Tubal*, e, com pouca corrupção — *Cetuval*. — Neste filho quinto de Noé se verificou a sua benção — *Deos te dilate Japhet*; porquê só os Portuguezes, filhos, descendentes, e successores de Tubal, são, e forão, sem controversia, aquelles que, por suas navegações e conquistas, com o Astrolabio na mão se estenderão e dilatarão por todas as quatro partes do immenso Globo.... Houve algum filho de Noé, houve alguma Nação bellicosa e numerosa que fosse celebrada nas trombetas da fama, que se dilatasse e extendesse tanto por todas as quatro partes da Terra? “ — Nenhuma. „ Os criticos que se riem de tradições immemoriaes sobre a origem das Nações, digão o que quizerem: o patriotismo de Vieira confundirá o empirismo dos que olhão para Portugal só como recincto loéal, pondo-se a si proprios á curta ração, contentando-se com o seu modico do ninho paterno, quasi como *servos da gleba*, constituindo • Estado pequeno, tendo-o a Providencia feito Grande.

zelo Portuguez mais impaciente que todos. A' qualquer reliquia dos males passados, á qualquer sombra das desigualdades antigas, já tomamos o Ceo com as mãos, porque não está tudo mudado, porque não está emendado tudo. Assim se muda hum Reino? Assim se emenda hum Monarchia? Tantos entendimentos assim se endireitão? Tantas vontades tão differentes assim se temperão?

“ Rei era Christo, e Rei Redemptor, e nenhuma cousa trazia mais diante dos olhos que extinguir os usos da Lei velha, e renovar e introduzir os preceitos da Nova; e com ter sabedoria infinita, e braços omnipotentes, ao cabo de trinta annos de Reino muitas cousas deixou como as achara, para que seu successor S. Pedro as emendasse. Já Christo não estava vivo, quando se rasgou o veo do Templo, figura da Lei antiga. E que cousa se podia representar mais facil, que romper hum tafetá em trinta annos? *

Pouco a pouco se fazem as cousas grandes; e não ha melhor arbitrio para as concluir com brevidade, que não as querer acabar de repente.... Com este vagar fez Deos as cousas: e assim quer que as fação os que estão em seu lugar, quando ellas o soffrem; e tenha paciencia o zelo; que não seja tão estreito de coração. Mais dóe aos Reis que aos Vassallos dissimular com al-

* Vide Tom. XI. pag. 421.

gumas cousas: mas por força se hão de fazer assim, para não se fazerem por força.... Não he o mesmo permittir que approvar. A benevolencia e dissimulação, como são effeitos da mesma côr, equivocão-se facilmente nas apparencias: e quantas vezes se chorarão ruinas, os que se invejarão favores! Vem a ser industria no Principe o que he razão de Estado no Lavrador, que as espigas que ha de cortar, essas abraça primeiro. *

“ Estarem contentes todos não pôde depender de hum só, como muitos se engañão. O contentamento de todos depende do Principe, depende dos Ministros, e depende dos vassallos. Para todos estarem contentes hão de concorrer todos para o contentamento, huns tratando de contentar, outros querendo contentar-se.

“ Seja o primeiro cuidado do Principe enxugar as lagrimas, e logo haverá menos descontentamentos. Mas, vindo á prática desta doutrina, vejo que me dizem, que muito facil he dizer, que se enxuguem as lagrimas de todos; mas como se hão de enxugar? Enxugar as lagrimas bom remedio he para não haver descontentamentos. Mas que remedio ha de haver para se enxuga-

* *Edmund Burke*, celebrado Antagonista dos Revolucionarios de todos os paizes, não disse, em substancia, melhor que o P. Vieira. Permitta-se-me aqui lembrar as eloquentes passagens da Traducção de varias suas Obras, que dei á luz nesta Côrte em 1812.

rem as lagrimas? Facil remedio o que Christo fez. Inquirir a causa das lagrimas, e tiralla. Quando Christo appareceo á Magdalena, a primeira cousa, que fez, foi inquirir a causa porque chorava. Mulher porque choras? Busque-se a causa das lagrimas, e logo o remedio será facil. Bem poderá Christo enxugar as lagrimas de Magdalena, e consolar a tristeza dos discipulos sem lhe perguntar pela causa, pois a sabia; mas quiz dar nesta acção hum grande documento aos Principes de como havião de proceder na cura de huma enfermidade tão difficultosa, como a de sarar descontentamentos.

“ Examine o Principe exactamente donde nascem as lagrimas dos vassallos: se tem causa, ponha-lhe remedio; se não tem causa, não lhe dem cuidado. Em nenhuns Reis do mundo se vê isto mais claramente, que nos de Portugal. Conquistar a terra das tres partes do mundo a nações estranhas foi empreza que os Reis de Portugal conseguirão muito facil, e muito felizmente; mas repartir tres palmos de terra em Portugal aos vassallos com satisfação delles foi impossivel, que nenhum Rei pôde accommodar nem com facilidade, nem com felicidade jamais. Mais facil era antigamente conquistar dez Reinos na India, que repartir duas Commendas em Portugal. Isto foi, e isto ha de ser sempre; e esta, na minha opinião, he a maior difficultade, que tem o governo do nosso Reino. Tanto assim, que se pôde pôr em problema na politica de Portugal, se he melhor, que

os Reis fação mercês, ou que as não fação. Não se fazerem mercês, he faltar com o premio á virtude: fazerem-se, he semear benefícios para colher queixas. Pois que hão de fazer os Reis? A questão era para maior vagar. Mas, para que não fique indecisa, digo entretanto, que hum só meio acho aos Reis para salvarem ambos estes inconvenientes. E qual he? Não dar nada a ninguém? Sim. O dar, e o premiar, são cousas mui differentes. Dar aos que merecem, ou não merecem, he dar: dar só aos que merecem, he premiar. Não fazerem mercês os Reis, seria não serem Reis; mas hão de fazellas de maneira, que as mercês não sejam dadas, e sejam premios. Dem os Reis só aos benemeritos, e fecharão as bocas a todos. Quando os premios se dão aos que merecem, os mesmos que os murmurão com a boca, os approvão com o coração.

“ A praxe desta politica exercitou gloriosamente no nosso Reino El-Rei D. João o II. digno de ser chamado D. João o do bom memorial, assim como D. João o I. se chamou o de boa memoria. Tinha este prudentissimo Rei hum memorial secreto, no qual trazia apontados todos os que se avantajavão em seu serviço, ou fossem Ministros de Estado, ou da Justiça, ou da Fazenda, ou da Guerra: e segundo o merecimento de cada hum lhe tinha destinado os lugares, e os premios, assim como fossem vagando. Era proverbio dos Hebreos, de que tambem useu Christo. Onde houver corpo morto, lo-

go alli correrão as aguias. Falla das aguias vulturinas, que são aves de rapina, as quaes tem agudissima vista, e subtilissimo olfato, e em vendo, ou cheirando corpo morto, logo correm a empolgar, e cevar-se nelle. Assim succede com a ambição dos pertendentes a todos aquelles, por cuja morte vaga officio, commenda, vara, cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util, e pingue, em que empregar (não digo as unhas) as mãos. Mas que fazia nestes casos quotidianos o Rei do bom memorial? Como nelle tinha já destinadas as pessoas, a quem havia de fazer o provimento, respondia, que já o lugar, officio, ou beneficio, estava provido; e as aguias, que corrião famintas aos despojos do morto, encolhião as azas, embainhavão as unhas, e ainda que querião grasnar, tapavão o bico.

“São merecedores de hum *não* muito claro, e muito seco, certo genero de alvitreiros, que inventando, e offerecendo novos arbitrios, e industrias de accrescentar Erario, ou Fazenda Real, juntamente dizem (e aqui bate o ponto) que elles hão de ser tambem os executores, e para isso pedem meios, e jurisdicções. Nasceo zizania, diz Christo, entre a seara de hum pai de familias; o que vendo os criados, vierão logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda de seu amo, e offerecendo-se a ir mondar a seara, e arrancar a zizania. Quereis senhor, que a vamos colher? Colher, disserão, e não arrancar, porque es-

tes zelos, e offerecimentos sempre se encaminhão á colheita. Respondeo o pai de familias sem lhes agradecer o cuidado: e que respondeo? Disse-lhe: Não. Assim se ha de responder com hum *não* muito seco, e muito resolutivo, a semelhantes propostas.

“ O modo com que as restituições da Fazenda Real se podem fazer facilmente, ensinou aos Reis hum Monge, o qual assim como soube furtar, soube tambem restituir. Refere o caso Mayôlo, Crantzio, e outros. Chamava-se o Monge Fr. Theodorico; e porque era homem de grande *intelligencia* e *industria*, commetteo-lhe o Imperador Carlos IV. algumas negociações de importancia, em que elle se aproveitou de maneira, que competia em riquezas com os grandes senhores. Advirtido o Imperador, mandou-o chamar á sua presença, e disse-lhe, que se apparelhasse para dar contas. Que faria o pobre, ou rico Monge? Respondeo sem se assustar, que já estava apparelhado, que naquelle mesmo ponto as daria, e disse assim: Eu, Cesar, entrei no serviço de V. Magestade com este habito, e dez, ou doze tostões na bolça das esmolos das minhas Missas: deixe-me V. Magestade o meu habito, e os meus tostões, e tudo o mais, que possuo, mande-o V. Magestade receber que he seu, e tenho dado contas. Com tanta facilidade como isto fez a sua restituição o Monge, e elle ficou guardando os seus votos, e o Imperador a sua fazenda. Reis, e Principes mal servidos, se quereis

salvar a alma, e recuperar a fazenda, introduzi sem excepção de pessoa as restituições de Fr. Theodorico. Saiba-se com que entrou cada hum; o de mais torne para donde sahio, e salvem-se todos.

“ Oh que grande ventura he querer diante de hum Principe, que quer, e póde! Assim seria tambem a maior de todas as desgraças esperar o remedio de algum tão pouco poderoso, que não possa, e de tão má ventade, que não queira. A Augusto Cesar disse Marco Tullio prudente, e elegantemente, que a natureza, e a fortuna lhe tinhão dado, huma a maior, e outra a melhor cousa, que podião, para fazer bem a muitos. A maior cousa, que póde dar a fortuna a hum Principe, he o poder, e a melhor, que lhe póde dar a natureza, he o querer, para poder, e querer fazer bem a todos.

Tenho assás, e de sobra, apresentado varias *amostras* do espirito de Vieira, para conciliar a benevolencia dos compatriotas a quem e d'além mar, amantes do Reino Unido, e da Legitima Dynastia da Augusta Casa de Bragança, que duas vezes nos tem restaurado o *Nome* e o *Ser* de Portuguezes. Seja o cordial voto de todos o de sua seguinte Peroração no acima referido Sermão de *Acção de Graças*.

“ Espirito Consolador, e Mestre Divino: infinitas graças vos damos, e vos sejam eternamente dadas, pelo que nos consolou vossa Bondade, e pelo que nos ensinou

vossa Sabedoria. Com a paz, verdadeiramente vossa, nos consolastes o temor, e afflicção da guerra: com a esperança tão prompta da Real descendencia, nos consolastes a antiga desconfiança da successão: com o governo presente de Principe Soberano, justo, e por si mesmo, nos consolastes as desattenções, e sugeições do passado. Por estas graças, que vos damos, e por estes mesmos beneficios tão singulares de vós recebidos, nos concedei, Senhor, as que para os annos futuros, com igual confiança em vossa Divina Bondade, e Sabedoria, humildemente vos pedimos. He hoje o dia, que entre todos os do anno, se levanta vulgarmente com o nome de maior, por chegar nelle o Sol a seu auge, e encher o mais dilatado giro de sua carreira. A' manhã começa outra vez a decrecer os dias, com pregão de publico desengano a todas as cousas do mundo (ainda que estão acima das sublunares) que nenhuma ha tão firme, que não se mude, nenhuma tão levantada, que não se abata, nenhuma tão grande, que não diminua, e torne a traz pelos mesmos passos de seu augmento. Não seja assim em nossas fortunas, Soberano, e Omnipotente Author da natureza, que assim como a creastes, podeis emendar, e fazer constante. Conservai, Senhor, perpetuamente vossos dons, e prorogai sem mudança, nem fim, por todos os annos futuros, as felicidades de que tão liberalmente nos fizeste mercê no presente. Não as per-

camos depois de logradas, para que não resuscitem com dobrada mágoa em nós aquellas mesmas desconsoações, de que tão efficaç, e cumpridamente, e com tão exquisitos remedios nos livrastes. Uni nos vassallos o amor do Principe: confirmai no Principe a imitação do pai: prosperai na Esposa a continuação dos felicissimos annos, competindo nelles a felicidade com o numero, e o numero com os herdeiros de seus soberanos dotes, para que o sejam dignissimos da mesma Corôa. Sobre tudo ensinando-nos a todos a passar de tal maneira os annos breves, e incertos desta vida, que saibamos por meio della conseguir as consolações dos annos eternos: pois para ser eternamente nosso Consolador, vos dignastes ser temporalmente nosso Mestre.

O que dá realce á doutrina do Padre Vieira he, que elle instrue, não só com documentos do Evangelho, mas tambem com exemplos dos nossos Soberanos, que expunha na Real Capella ainda nos objectos mais delicados da Administração Publica; tendo só em vista a Lei de Deos, em que diz dever-se fundar a verdadeira Politica, e as razões do Estado; podendo-se delle dizer com o Psalmista = *Fallava dos teus testemunhos na presença dos Reis, e não era confundido.* * =

Para satisfação de todas as classes de Leitores, transcreverei os seguintes juizos das antigas censuras officiaes, quando se li-

* Psalm. CXVII. Vers. 46.

cenciou o primeiro, e o ultimo tomo dos Sermões de Vieira.

No primeiro, o Censor Regio se valeo das palavras de Job no Cap. 51 Vers. 35 = Ouça Deos o meu desejo, e escreva hum Livro o mesmo que julga, para que eu o traga por estimação nos hombros, e por corôa na cabeça. = Não ha nos Sermões do P. Vieira cousa que encontre o serviço Real; mas muitas para que V. Alteza continue a obediencia, com que obrigou ao Author a dar á estampa este livro, para que saia á luz com os mais trabalhos tão luzidos dos seus estudos, e engenho, para gloria de Deos, e honra deste Reino.

No ultimo (que o he XIV.) o Qualificador do Santo Officio assim diz. “ Na Carta que o P. Vieira escreveu á Magestade de El-Rei D. Affonso VI. mostrou, que a *Sabedoria he melhor que a força*, como diz Salomão (Sap. Cap. 6 Vers. 1) porque o que os nossos Portuguezes na Conquista do Maranhão não vencerão com tanto valor e armas por espaço de vinte annos, venceo o Author com huma folha de papel em Carta aos Principaes dos Indios daquelle Estado, tão douda, discreta, e persuasiva, que bastou para os reduzir á nossa Santa Fé Catholica, e para os sujeitar ao Imperio de Portugal. E como este livro não contém cousa alguma que encontre nossa Santa Fé, ou bons costumes, me parece não só digno que se dê ao Prélo, mas que devemos louvar muito o zelo de quem o faz sahir á luz.

Se o Público der acolhimento á annunciada *Selecta* com a *Subscripção* necessaria, irá sahindo por Partes, para facilidade da edição, como *Supplemento aos Estudos do Bem-Commum*.

ERRATAS.

Advertencia pag. II. lin. 18 e 19 o escriptores — os escriptores — mas uteis — mais uteis — Discurso pag. 24 msiores — maiores







